

O porta-fólio como ferramenta pedagógica de pesquisa, formação e autoavaliação no ensino de artes visuais

CLÁUDIO TAROUCO DE AZEVEDO
Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Brasil

1. Introdução

Após a homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores, pelo Conselho Nacional de Educação, em 2002, no Brasil, os cursos de licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande, entre eles o Curso de Artes Visuais, reformularam seus currículos tendo em vista a ampliação da carga horária dos estágios supervisionados. Não seria apenas uma questão de incluir um maior número de horas para o desenvolvimento dos estágios para cumprir o dispositivo legal, mas de promover discussões sobre questões de fundo, como a indissociabilidade teoria/prática, reformulando totalmente o currículo vigente até então.

O Curso de Artes – Licenciatura foi, pois, reestruturado, tendo se incluído, em sua matriz curricular, o Estágio I e o Estágio II, desenvolvidos em caráter anual. O Estágio I está focado na imersão do acadêmico no contexto escolar e o Estágio II prevê a inserção do estagiário na Escola, já exercendo a docência.

Este artigo está centrado no Estágio I, espaço-tempo de pesquisa, reconhecimento e problematização do contexto escolar em seus aspectos organizacionais, administrativos e de sala de aula.

As atividades planejadas pelos professores da disciplina objetivam a ambientalização e a análise crítica sobre os espaços escolares externos à sala de aula, com base em vivências na secretaria, na direção, no círculo de pais e mestres, no grêmio estudantil, na biblioteca, nas atividades extraclasse e em relação às comunidades adjacentes à escola, tendo em vista o conhecimento das condições objetivas para a o ensino de artes visuais. Configuram-se como um momento de aproximação com a escola onde será realizada a docência no Estágio II. No Estágio I, os acadêmicos constroem propostas para o ensino de artes visuais: planejamento e elaboração da proposta de docência. São estimulados a refletirem sobre sua constituição como professores de Artes por meio de estímulos variados. Utiliza-se o porta-fólio como ferramenta pedagógica de reflexão sobre o seu próprio processo de formação inicial e autoavaliação, em um movimento de muita intensidade.

O Estágio I tem por objetivos:

- Propiciar aos/às acadêmicos/as do Curso de Artes Visuais – Licenciatura o desenvolvimento de um olhar investigativo e sensível em relação à docência em arte por meio da sua imersão no meio escolar e do seu envolvimento com o contexto social em que estão inseridos/as e no qual irão atuar como profissionais.

Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação

ISSN: 1681-5653

n.º 63/2 – 15/11/13

Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI-CAEU)

Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI-CAEU)





- Oportunizar situações práticas/teóricas que possibilitem o conhecimento e a problematização da realidade escolar e do ensino de Artes Visuais em uma abordagem da dinâmica educacional em seu contexto mais amplo.
- Debater, refletir e investigar contextos e culturas escolares, focalizando as práticas de ensino do/a professor/a de Artes Visuais.

O Estágio I efetiva-se como um trabalho interdisciplinar, considerando-se o trabalho compartilhado de professores do Instituto de Letras e Artes e de uma professora do Instituto de Educação desde o planejamento até o desenvolvimento das atividades nos seus vários espaços e tempos. São momentos de aprendizagens intensas não só experienciadas pelos acadêmicos como também pelos professores. É no contexto do Estágio I que realizamos a pesquisa que teve por objetivo compreender o processo de constituição docente dos futuros professores de Artes Visuais em sua formação inicial. Observaram-se as seguintes categorias: Dimensão estética – estética de si; Formação do professor de Artes Visuais; Processos de avaliação e autoavaliação inerentes ao processo formativo e Educação Ambiental.

2. O porta-fólio como ferramenta pedagógica de pesquisa, avaliação e autoavaliação no ensino de artes visuais

A utilização do porta-fólio como ferramenta pedagógica de pesquisa, constituição e autoavaliação docente apresenta uma riqueza maior em um Curso de Artes Visuais – Licenciatura. As produções não somente refletem um processo vivido, mas constituem materiais criativos e de inestimável valor afetivo para quem o produz.

Defendemos, neste artigo, o porta-fólio como ferramenta pedagógica potente no processo de constituição inicial de professores de Artes Visuais. O porta-fólio possibilita uma compreensão do processo de formação dos futuros docentes, mostrando evidências dos conhecimentos pedagógicos e específicos em Arte apropriados por eles. Evidências essas que, segundo Collins (1991), compõem o porta-fólio e podem ser denominadas como: “artefatos, reproduções, testemunhos e produções” (apud HERNÁNDEZ, 2000, p. 170). Para a realização deste trabalho, o estudante deve explicitar seu critério de seleção em relação às evidências que farão parte do seu porta-fólio. Buscar compreender o que, por que e de que maneira selecionou, é um caminho de significação e autoavaliação do processo pedagógico de pesquisa. Isso engendrará uma retroalimentação entre a produção do porta-fólio e os conhecimentos e experiências vividas.

O porta-fólio também se configura como um valioso instrumento de avaliação e autoavaliação discente e docente. “Oferece aos alunos e aos professores uma oportunidade para refletir sobre o progresso dos estudantes em sua compreensão da realidade, ao mesmo tempo em que possibilita introduzir mudanças durante o desenvolvimento do programa de ensino” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 165). É nessa perspectiva que os professores da disciplina realizaram a pesquisa que foi orientada pela seguinte questão: **Quais são os significados e sentidos que se apresentam nos porta-fólios produzidos pelos acadêmicos do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da FURG?**



3. A pesquisa e o ensino em retroalimentação – metodologia e categorização

A pesquisa que desenvolvemos é de abordagem qualitativa, caracterizando-se como pesquisa-ação, tendo em vista que os pesquisadores pertencem à comunidade investigada e a transformação pretendida não ocorre apenas nos colaboradores da pesquisa – os acadêmicos do Curso de Artes Visuais, mas nos próprios docentes responsáveis pela disciplina. A pesquisa é de cunho hermenêutico-dialético, tendo em vista que o caráter interpretativo-crítico perpassa o processo analítico (MINAYO, 2007).

No que diz respeito às áreas de aplicação da metodologia da pesquisa-ação, Michel Thiollent afirma que a tomada de consciência é fundamental no campo da educação, pois “este processo é associado à própria geração de dados, sob forma de questionamento, pelo menos em escala reduzida” (2009, p. 82). Nesse sentido, os primeiros movimentos para alimentar a busca, indagação e intervenção constituíram-se da proposta de elaboração dos porta-fólios feita no primeiro dia de aula, na disciplina Estágio I. Empreendeu-se algumas táticas questionadoras para estimular a memória, a tomada de consciência e a busca por evidências escolares da trajetória de cada estudante.

Ao serem apresentados os objetivos da disciplina foi proposto aos acadêmicos que trouxessem para a sala de aula uma foto que registrasse um momento escolar, o mais significativo possível. A ideia é que tal fotografia fosse de um tempo distante, de preferência dos primeiros anos escolares. Estas fotografias constituem evidências de um porta-fólio que não se restringe ao espaço-tempo da disciplina em questão. Buscou-se, por meio das fotografias escolares de cada estudante, a sua implicação e as possíveis memórias capazes de serem evocadas a partir dessas imagens. Pois, como já se mencionou, temos como objetivos da disciplina a reflexão e a investigação de diferentes contextos e culturas escolares. Segundo Coelho,

[...] a memória participa da natureza do imaginário como conjunto das imagens não gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital inconsciente e pensado do ser humano. A memória não é assim uma faculdade passiva, mas um princípio de organização – e de organização do todo, frequentemente a partir de um pequeno fragmento vivido. (1997, p. 146)

Assim, consideramos as fotografias como artefatos importantes na significação dos diferentes contextos culturais escolares vividos e compartilhados com os demais colegas e professores. Como considera Thiollent, “é necessário que os pesquisadores levem em conta os aspectos comunicativos na espontaneidade e no planejamento consciente de ações transformadoras” (2009, p. 82). Essa interação dos participantes da pesquisa com o seu contexto familiar promoveu o resgate de memórias escolares e impulsionou um processo transformador na tomada de consciência significativo da formação docente.

A pesquisa envolveu até os familiares mais distantes geograficamente, que enviaram fotos via SEDEX para os seus filhos. O início da disciplina marcou um momento de compartilhamento das memórias que as fotos evocaram e propiciaram a emergência de sentimentos e fortes emoções. Foram identificados professores e escolas comuns; alguns dos acadêmicos se identificaram nas fotos dos outros. O brilho nos olhos e o sentimento de pertença dos acadêmicos evidenciados neste momento foram impressionantes. Alguns relataram que os pais relutaram em retirar as fotos dos álbuns, com receio de que elas não retornassem mais.



Após este compartilhamento de lembranças, foi proposta a construção de um texto – intitulado “A escola onde estudei”. Foi o pontapé inicial para a construção do porta-fólio. A intenção era que cada acadêmico registrasse, em diferentes linguagens (textual, fotográfica, gráfica, etc.), seu próprio processo de constituição como professor de Artes, ao mesmo tempo em que avaliava este processo. Nesse sentido, os aspectos comunicativos a que se refere Thiollent não devem ser concebidos como processo unilateral de emissão-transmissão-recepção, mas como “[...] multidirecionado e de ampla interação. Este processo é normalmente dirigido no sentido de fortalecer tendências criadoras e construtivas” (2009, p. 82).

Sendo assim, inúmeras atividades foram realizadas, no decorrer do ano, tais como: visitas às escolas parceiras, entrevistas com os diretores, supervisores pedagógicos e professores de Artes, observações nas escolas de ensino fundamental e médio, realização de microaulas na FURG, etc.

Esta pesquisa-ação é de caráter educativo e, portanto, “os pesquisadores e participantes devem estar em condição de fazer uma avaliação realista dos objetivos e dos efeitos [...]” (THIOLLENT, 2009, p. 46). Nesse sentido, foi proposto que, ao término da construção do porta-fólio, fosse feita uma reflexão final tendo como foco a seguinte pergunta: quais os pontos de aproximação ou diferenças entre a escola em que estudei e a que observei?

Foram inúmeros e variados os registros nos porta-fólios e que constituíram o *corpus* de análise. Verificamos neles uma mescla entre diário de pesquisa e livro de artista¹ (Figuras 1 e 2) com uma estética de si, envolvendo uma diversidade de textos, desenhos, colagens, fotografias, relatos de experiências e autoanálises dos processos vivenciados durante a disciplina. Estes foram fatores preponderantes no âmbito da categorização e da avaliação e autoavaliação realizadas.

Figura 1 e 2 – Porta-fólio, 2012



Fotografias: Cláudio Azevedo

A análise de dados foi realizada em acordo com o método proposto por Minayo (2007). As etapas do processo analítico da pesquisa, apesar de estarem descritas, neste artigo, separadamente, estiveram articuladas em um movimento recursivo-reflexivo durante todo o processo de análise.

Na 1ª etapa – ordenação dos dados – os porta-fólios foram manuseados pelos pesquisadores e trocados entre si. Foi feita uma leitura preliminar dos seus componentes: textos, gravuras, fotos, etc. Já neste momento, os pesquisadores refletiram sobre a necessidade de atribuir um significado até mesmo ao

¹ “No livro de artista a imagem que está no interior é arte e não ilustração. Poderíamos falar de uma transformação de tal objeto, quando o artista manipula a página, o formato e o conteúdo tradicional do livro.” (PANEK, 2006, p 41).



formato de apresentação dos porta-fólios, tendo em vista a sua diversidade e criatividade. Os porta-fólios foram observados em todos os seus detalhes e o material organizado.

Na 2ª etapa – classificação dos dados – foi realizada uma intensa leitura dos textos e das imagens apresentados nos porta-fólios. Procedeu-se com a digitalização de fragmentos de textos e das imagens para facilitar o processo de análise. Os pesquisadores estiveram atentos a cada palavra, cada fotografia, cada detalhe da construção dos porta-fólios. Após a leitura horizontal, foi realizada a leitura transversal do material, destacando-se as unidades de sentido de cada porta-fólio analisado. Já neste momento, foram feitas as aproximações dessas unidades de sentido e as primeiras categorias começaram a emergir. Depois das conexões e do reagrupamento entre elas, foram destacadas três categorias centrais: Dimensão estética – estética de si; Formação do professor de Artes Visuais; Processos de avaliação e autoavaliação inerentes ao processo formativo; Educação Ambiental.

Estes recursos metodológicos foram fundamentais na retroalimentação entre o ensino e a pesquisa, alavancando dados que possibilitaram a emergência das categorias sobre as quais discorreremos em cada um dos próximos subitens.

3.1 A dimensão estética – estética de si

Consideramos aqui a dimensão estética a partir da concepção da microestética definida por Pereira (1996, p. 85) como o “modo como cada indivíduo se organiza enquanto subjetividade”. Nesse sentido, “a estética tem a ver com a maneira pela qual o mundo toma sentido para nós, de acordo com o modo pelo qual nos afeta e pelo qual nós o afetamos” (1996 p. 127).

Assim, denominamos tal categoria como *estética de si*, uma vez que entendemos que o porta-fólio possibilita ao acadêmico refletir acerca do seu próprio processo de formação, da construção de si mesmo como professor de Artes.

Ao relatar sobre a escolha estética da capa de seu porta-fólio (Figura 3), sob o título de *Significado: o quebra-cabeças da vida*, uma acadêmica descreve:

O significado das coisas depende das relações que ela tem com outras coisas, isto é, dos encaixes de cada peça com as demais: quanto mais encaixes, maior o significado. Depende também da carga emocional que associamos a ela e às outras peças que se encaixam nela. Uma foto antiga nos traz lembranças de pessoas, de relacionamentos amorosos, de acontecimentos alegres ou tristes, e assim por diante. A carga emocional acrescenta aos significados a dimensão do valor.

Figura 3 – *Porta-fólio*, 2012

Fotografia: Cláudio Azevedo

Esta capacidade de relacionar coisas, como ela afirma no relato, enuncia algo apontado por Barbosa (2010) como um dos principais fatores da criatividade ambicionados pela atual educação, a saber: a capacidade de elaboração. O mesmo pode ser observado em outras capas como, por exemplo, na Figura 2. Percebe-se um híbrido entre desenho e fotografia, um autorretrato (Figura 4), que envolve processos criativos próprios de uma estética de si.

Figura 4 – *Porta-fólio*, 2012

Fotografia: Cláudio Azevedo

Assim, há evidências da estética de si na confecção das capas dos porta-fólios por meio de processos de criação que “interligam-se intimamente com o nosso ser sensível” (OSTROWER, 2010, p. 12). Um sensível que cria e nos faz perceber nas formas e representações o sentido singular em cada maneira de apresentação do porta-fólio (Figura 5).

Figura 5 – Porta-fólio, 2012

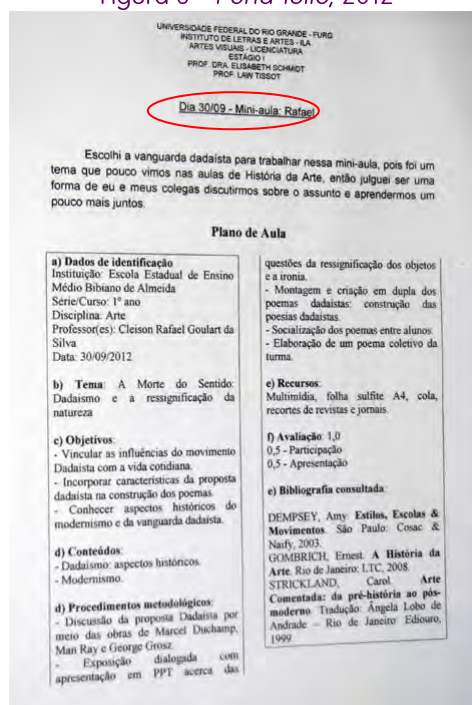


Fotografia: Cláudio Azevedo

3.2 A formação do professor de artes visuais

Terezinha Rios defende a tese de que a ação docente inclui as dimensões técnica, moral, política e estética. Aponta para uma interrelação entre elas, lançando “clareza sobre a presença da sensibilidade – e da beleza – como elemento constituinte do saber e do fazer docente” (2010, p. 96). Ainda, segundo a autora, “a docência competente mescla técnica e sensibilidade orientadas por determinados princípios, que vamos encontrar num espaço ético-político” (idem, p. 99-100).

Figura 6 – Porta-fólio, 2012



Fotografia: Cláudio Azevedo

A partir das experiências estéticas individuais e coletivas, o futuro professor de Artes Visuais vai produzindo sentidos e significações para a sua formação. Ela vai se mostrando mais consistente conforme ele vai experimentando o exercício à docência nas atividades promovidas pela disciplina. Uma dessas



propostas foi realizada a partir do que chamamos de miniaulas, que foram ministradas pelos discentes aos seus próprios colegas de turma. As miniaulas (Figura 6) foram planejadas, desenvolvidas e avaliadas, sendo este processo registrado nos porta-fólios.

Esta foi a avaliação por escrito de uma acadêmica a respeito da miniaula ministrada pelo colega:

A aula do Everton que teve como temática o Cadáver Requentado foi, na minha opinião, uma das mais interessantes. Ele tinha bastante desenvoltura e conhecimento sobre o assunto, portanto se sentiu seguro para dar a aula. Trouxe boas músicas e propôs a atividade de acordo com o tema apresentado. Todos os colegas participaram em grupo. Adorei!

Ao avaliar a miniaula desenvolvida pelos colegas, os futuros professores refletem sobre sua própria prática e aprofundam os significados que atribuem à docência.

3.3 Processos de avaliação e autoavaliação inerentes ao processo formativo

A atividade de construção do porta-fólio possibilita um exercício reflexivo e construtivo do processo vivido ao longo da disciplina, promovendo a significação entre as experiências e a materialização de cada “relicário”.

Sou muito grata por ter a oportunidade de pela primeira vez produzir um porta-fólio reflexivo como este. Acredito que esta metodologia funciona muitíssimo bem como ferramenta. Por ser um material que possui um leque de possibilidades quanto à forma e também se tratando do conteúdo. “[...]” só o fato de reunir um pouco das aprendizagens vividas, refletindo sobre as mesmas, ousou dizer que é o ponto central desta ferramenta. Pois são raras as oportunidades que temos de parar e refletir sobre o conhecimento adquirido e (re) significar o mesmo.

Essa ressignificação emerge do envolvimento recursivo entre o vivido e o que vai sendo amalgamado no porta-fólio, “[...] cada estudante determina que evidências devem ser incluídas e faz uma autoavaliação como parte de seu processo de formação [...] (HERNÁNDEZ, 2000, p. 169-170). São essas evidências que possibilitam o novo sentido na construção de conhecimentos.

3.4 Transversalizando o ensino de artes e a educação ambiental

Considerando que os professores da disciplina são educadores ambientais, suas práticas pedagógicas envolveram e envolvem conteúdos de arte e pedagogia perpassados pela Educação Ambiental (EA). Ser educador ambiental implica atitudes e intencionalidades e, neste caso, a formação de professores de artes que assumam sua responsabilidade face aos problemas socioambientais que enfrentamos com mais intensidade nas últimas décadas.

A EA, ao aspirar a uma compreensão dos sujeitos sobre as questões de *ação responsável* no mundo, sobre o fato de que a participação humana encontra-se num contexto que interliga o passado, o presente e o futuro, busca o vivencial como tendência pedagógica em suas ações/intervenções. Entre seus compromissos, está a atenção às necessidades da natureza humana, estimulando sensibilidades, afetividades, capacidades de imaginação e de criação, possibilitando, assim, o despertar para a essência ética do ser humano. O viés da Estética, a *educação do sensível*, vai ao encontro dessas necessidades como um recurso simbólico que se constitui numa ferramenta de extrema importância para os processos educativos. (TAVARES, BRANDÃO, SCHMIDT, 2009, p. 192)



Assim, os porta-fólios constituem-se como aliados em processos educativos capazes de transversalizar as Artes e a EA. Tanto pelo exercício da capacidade elaborativa em sua potência criativa, como em despertar o sentido ético que está implicado na escolha pela docência. Sobre isto, valiosas reflexões vão surgindo nos porta-fólios. Ao comentar as miniaulas de EA, uma estudante afirma que

As aulas foram muito boas, mais experiências. Bom também pelo fato de vermos nossos colegas aplicando a aula e assim podermos contribuir para uma construção coletiva em relação às discussões sobre o que cada um pode melhorar. Aprendizados, aprendizados e mais aprendizados... ainda mais sobre um assunto o qual pessoalmente me interessa profundamente. Acredito na educação ambiental como uma educação transformadora!

Tal manifestação, registrada no porta-fólio, remete à importância da EA ser incorporada aos currículos em todos os níveis de ensino, pressupondo-se que precisamos problematizar nossas ações, a partir de princípios éticos, para engendramos processos realmente transformadores em direção à sustentabilidade socioambiental. Nessa perspectiva,

Torna-se necessário o exercício da sensibilidade com base em um processo educativo que possibilite, através da valorização, do reconhecimento, da ação/transformação e da responsabilidade, uma relação ética e estética, de ordem sustentável e consciente, do sujeito com o meio. (TAVARES, BRANDÃO, SCHMIDT, 2009, p. 186)

4. Um processo que continua

Para além do envolvimento dos acadêmicos do curso de Artes com a elaboração dos porta-fólios, este se mostra revelador de aprendizagens e saberes inerentes ao processo de sua constituição de professores. Foi marcante a vitalidade da estratégia pedagógica utilizada e dos sentimentos que afloraram durante o percurso da pesquisa.

A construção do porta-fólio possibilitou a ocorrência não somente de interações, autonomia de pensamento, expressões de ideias e sentimentos, mas o aflorar do desejo de ser professor de Artes.

Salientamos, neste artigo, as perspectivas e contribuições do porta-fólio, notadamente como ferramenta de avaliação e autoavaliação no ensino de Artes. Como afirma Hernández, “[...] a avaliação é também uma via para vincular a avaliação à pesquisa sobre o ensino e o processo de aprendizagem. O que é muito necessário no ensino de arte” (2000, p. 174).

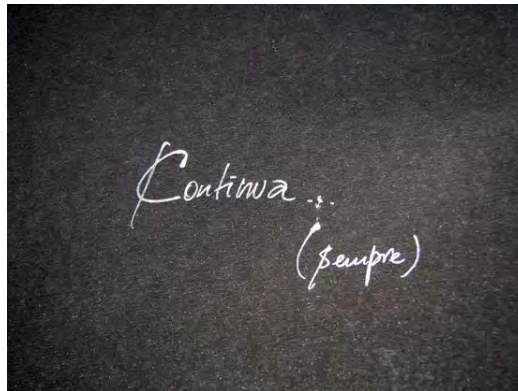
Nessa perspectiva, defendemos a potência do porta-fólio como ferramenta pedagógica de pesquisa, constituição, avaliação e autoavaliação no ensino de Artes Visuais, tendo em vista que

[...] é o processo constante de reflexão, de contraste entre as finalidades educativas e as atividades realizadas para sua concepção, a maneira como cada aluno explica seu próprio processo de aprendizagem, como dialoga com os problemas e temas da série e os momentos-chave em que o estudante considera (e coloca para contraste com o grupo e com o professor) em que mediu superou ou localizou um problema que dificulta ou permite continuar aprendendo. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 166).



Nos porta-fólios analisados, há reflexões e escritos dos estudantes que foram tecidos em uma trajetória estética, ética e política relacionada à pesquisa e ao ensino das Artes, inclusive, transversalizando conhecimentos de outros campos como a Educação Ambiental. Essa mescla de técnicas e sensibilidades sobre o espaço da docência (RIOS, 2010) configura-se como um espaço formativo/educativo que, como afirma uma estudante, ao final de seu porta-fólio, não se extingue porque é movimento permanente e intenso; é um processo que continua... (Figura 7)

Figura 7 – *Porta-fólio*, 2012



Fotografia: Cláudio Azevedo

Referências

- BARBOSA, Ana Mae, (2010), Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, A. M. (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez.
- COELHO, Teixeira, (1997), *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras.
- FREIRE, Paulo, (1996), *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- HERNÁNDEZ, Fernando, (2000), *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed.
- OSTROWER, Fayga, (2010), *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes.
- PANEK, Bernadette, (2006), *Livro de artista: uma integração entre poetas e artistas*. IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte (Anais). Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba. Disponível em: http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais4/bernadette_paneke.pdf Acesso em: 16 set. 2012.
- PEREIRA, Marcos Villela, (1996), *A estética da professoralidade*. Um estudo interdisciplinar sobre a professoralidade do professor. Tese de Doutorado em Supervisão e Currículo. São Paulo: PUC, 1996. 293 p. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/49248125/tesecompletamarcospereira> Acesso em: 17 julho 2012.
- RIOS, Terezinha A., (2010), *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. 8. Ed. São Paulo: Cortez.
- TAVARES, Cláudia M.; BRANDÃO, Cláudia Mariza. M.; SCHMIDT, Elisabeth B., (2009), *Estética e Educação Ambiental no paradigma da complexidade*. Revista Pesquisa em Educação Ambiental, jan/julho, v. 4, n. 1, p. 177-193.
- THIOLLENT, Michel, (2009), *Metodologia da pesquisa-ação*. 17. Ed. São Paulo: Cortez.